

RESENHA

GOMES, Vilma Aparecida(ESEBA UFU)¹

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade Lingüística Escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

A leitura deste artigo por professores do ensino de língua materna bem como por professores de outras áreas do conhecimento não pode ocorrer sem que haja, como efeito imediato, uma parada para reflexão a respeito do que vem a ser a identidade lingüística escolar. Identidade essa, muitas vezes, cerceada por um conjunto de “verdades” que se tem perpetuado no bojo das concepções teóricas dos projetos escolares, como: *a chamada competência técnica ou similares ,ou seja, é a racionalização da repetição.*²

Para propiciar essa reflexão, a autora parte de discussões para exemplificar o que vem a ser essa identidade lingüística escolar, e, segundo a pesquisadora, as propostas de ensino não incitam a criatividade do aluno, uma vez que, o melhor aluno é o que *(re)produz melhor os enunciados do ponto de vista formal.*³ Este estudo de Eni Orlandi está relacionado ao tema identidade e aprendizagem de línguas e tem por objetivo levantar uma discussão a respeito da proposta da aprendizagem de línguas enquanto processo de subjetivação do aprendiz. Para fazer esse estudo Orlandi adota como suporte teórico os princípios básicos da Análise do Discurso de linha francesa. Essa corrente teórica enfoca as relações entre história, subjetividade e linguagem por um lado, e sobre as relações entre significação, repetição e deslocamento, por outro.

Para os professores preparados para propor deslocamentos e mudanças em sua prática pedagógica, a leitura deste artigo pode propiciar momentos ricos de reflexão e discussões e, além disso, outro fator positivo para a leitura deste estudo é a clareza da linguagem utilizada, bem como a forma didática da organização estrutural do texto; esse fator é um diferencial que facilita uma melhor compreensão do assunto por professores que não conhecem os pressupostos desta vertente teórica.

Inicialmente, a referida pesquisadora esclarece a diferença entre a identidade lingüística concebida como uma visão de aliança entre língua e identidade em que se funde identidade, cultura ou pertencimento a um Estado e a identidade lingüística escolar que são os discursos, os saberes adquiridos por todo sujeito que frequenta uma escola. Nesta perspectiva, ela enfatiza que esses saberes devem se caracterizar como uma motivação para o deslocamento do sujeito que se constitui pelas práticas discursivas escolares.

Dessa forma, para que esses deslocamentos ocorram, é necessário pensar o processo identitário como um “movimento na história”, isto é, segundo Orlandi (2002), a identidade não é sempre igual a si mesma, ela é heterogênea e se transforma. Não há identidades fixas categóricas. Nesse sentido, ela enfatiza a importância da relação entre unidade e dispersão para a perspectiva discursiva no momento de pensar os processos de identificação. As

¹ É professora de Língua Portuguesa da Escola de Educação Básica e mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia.

² SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado Aberto, 2002, p. 209.

³ *Ibidem*, p. 209.

diferenças existem porque há unidade. Ex: *Falamos a mesma língua (o português brasileiro), mas falamos diferente e isto nos garante singularidade.*⁴ Outro aspecto de relevância para compreender a questão da identidade é em relação ao sujeito e sentido, porque ambos coexistem e é dessa forma que se constroem os processos de identificação. *Os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos. Eles implicam, por sua vez, uma relação da língua (sistema capaz de equívoco) com a história, funcionando ideologicamente (relação necessária do simbólico com o imaginário).*⁵ Os processos de identificação não são aprendidos, eles são construídos com o sujeito por meio de sua inserção em distintas formações discursivas. O sujeito não é capaz de perceber que ele não é já constituído, a sua constituição se dá por meio de mecanismos ideológicos e dessa forma os sentidos serão produzidos. Por isso, os sujeitos são capazes de se identificar com algumas idéias e outras não, porque elas fazem parte do chamado interdiscurso, saber discursivo, a memória dos sentidos que são construídas a partir da relação do sujeito com a linguagem.

Concluindo, Orlandi reafirma a sua posição anterior, de que a identidade é um movimento na história e por isso, o sujeito, na escola, constrói suas identificações na relação com *o conhecimento do mundo, da realidade natural ou da realidade social, onde ele mesmo se inclui.*⁶ Na verdade, não se trata de pensar a identidade lingüística apenas em saber qual o domínio do sujeito em relação à Língua Portuguesa, mas como esse sujeito estabelece uma relação com a ordem do simbólico, ou seja, se ele apenas repete (efeito papagaio), se apenas realiza a repetição técnica formal ou se ele é capaz de fazer uma repetição histórica, em que se inscreve a memória constitutiva, o saber discursivo, em uma palavra enquanto interdiscurso. Desta forma, o sujeito se produz concomitantemente como repetição e como deslocamento. Nesta perspectiva, a autora faz uma crítica aos projetos escolares que priorizam a “competência técnica”, “ou seus similares, ou seja, é a racionalização da repetição formal” e, como exemplo, cita a questão da autoria e das redações. Segundo ela, para a escola, os bem sucedidos lingüisticamente são os que conseguem produzir textos impecáveis do ponto de vista gramatical, mas sem criatividade nenhuma, chochos, sem aluno dentro.

Ao fim da leitura desse artigo, fico a refletir sobre os efeitos desconfortantes que a leitura deste texto possa ter produzido nos professores que não conhecem as bases teóricas da Análise do Discurso, teoria que propõe uma prática pedagógica de leitura e escrita pautada na perspectiva de descobrir onde se encontram as relações de poder, as disputas de força, as contradições e incoerências presentes nos diversos discursos que veiculam no meio escolar; por outro lado, para os professores preparados para propor deslocamentos e mudanças em sua prática pedagógica, este artigo pode provocar reflexões e ricas discussões capazes de desencadear um novo direcionamento do ensino e aprendizagem da língua materna, direcionamento esse que priorize o processo de subjetivação do aprendiz.

⁴ SIGNORINI, Inês. *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. p. 204.

⁵ *Ibidem*, p.205.

⁶ *Ibidem*, p.207.